

Segunda Parte do Engenhoso Cavaleiro D. Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra, Autor da sua Primeira Parte

CAPÍTULO I

Do que o cura e o barbeiro falaram
com D. Quixote acerca da sua doença

Conta Cide Hamete Benengeli na segunda parte¹ desta história e terceira saída de D. Quixote, que o cura e o barbeiro estiveram quase um mês sem vê-lo, para não lhe reavivar e trazer à memória as coisas passadas; mas não por isto deixaram de visitar a sobrinha e a governanta, recomendando-lhes que tivessem o cuidado de tratá-lo bem, dando-lhe a comer coisas fortificantes e apropriadas para o coração e o cérebro, donde procedia, pensando-se bem, toda a sua pouca sorte. As quais disseram que assim faziam e fariam, com a boa vontade e o cuidado possível, porque bem viam que o seu senhor cada vez mais dava mostras de estar no seu perfeito juízo; disto receberam os dois um grande contentamento, por parecer-lhes que tinham acertado ao tê-lo trazido encantado no carro de bois, como se contou na primeira parte desta tão grande como verdadeira história, nos seus últimos capítulos. E assim, resolveram visitá-lo e experimentar as suas melhoras, embora julgassem quase impossível que as tivesse, e combinaram não lhe tocar em nenhum ponto da cavalaria andante, para não se correr o perigo de se descobrirem os da ferida, que tão recentes eram.

Visitaram-no, por fim, e acharam-no sentado na cama, com uma almilha de baeta verde e um barrete vermelho, de malha; e estava tão escanzelado e ressequido, que parecia feito de carne de múmia. Foram por ele muito bem recebidos, perguntaram-lhe pela sua saúde e ele falou de si e dela com muito juízo e palavras muito apropriadas; e no decurso da sua conversa acabaram por tratar disto a que se chama razão de estado e modos de governo, corrigindo este abuso e condenando aquele, reformando um costume e castigando outro, fazendo-se cada um dos três um novo legislador, um Licurgo moderno, ou um Sólon² brilhante; e de tal maneira renovaram a república, que não pareceu senão que a tinham posto numa forja e conseguido uma diferente da que lá puseram; e falou D. Quixote com tanta sensatez em todas as matérias que se abordaram, que os dois examinadores acreditaram que, sem dúvida, ele estava completamente curado e no seu perfeito juízo.

Estiveram presentes na conversa a sobrinha e a governanta, e não se fartavam de dar graças a Deus por ver o seu senhor com tão boa inteligência; mas o cura, mudando o seu primeiro propósito, que era de não falar-lhe em nada de cavalarias, quis experimentar o mais possível se a sanidade de D. Quixote era falsa ou verdadeira, e assim, palavra puxa palavra, chegou a contar algumas novas que tinham vindo da corte, e, entre outras, disse que corria a certeza que o Turco vinha com uma poderosa armada, e que não se sabia qual o seu desígnio, nem onde ia descarregar uma tão grande ameaça de tempestade; e com este temor, com que quase todos os anos dá sinal que se aproxima o inimigo, estava atenta toda a cristandade, e Sua Majestade tinha mandado pôr de prevenção as costas de Nápoles e da Sicília e a ilha de Malta. A isto respondeu D. Quixote:

— Sua Majestade actuou como um prudentíssimo guerreiro ao pôr de prevenção os seus estados com tempo, para que não o encontre desprevenido o inimigo; mas se fosse seguido o meu conselho, eu aconselhava-o a usar de uma medida, que agora deve estar muito longe de ocorrer a Sua Majestade.

Mal ouviu isto o cura logo disse para si mesmo:

— Deus te guarde com a sua mão, pobre D. Quixote, que me parece que te despenhas do alto cume da tua loucura até ao profundo abismo da tua doidice!

Mas o barbeiro, que já tinha tido o mesmo pensamento que o cura, perguntou a D. Quixote qual era a medida que ele dizia que seria conveniente que se tomasse; acaso fosse tão sensata que se pusesse na lista dos muitos avisos imperitinentes que se costumam dar aos príncipes.

— O meu, senhor rapador — disse D. Quixote —, não será impertinente, mas muito pertencente.

— Não o digo por esse motivo — replicou o barbeiro —, mas porque tem mostrado a experiência que todas ou a maior parte das soluções que são dadas a Sua Majestade são impossíveis ou disparatadas, ou em prejuízo do rei ou do reino.

— Pois a minha — respondeu D. Quixote — não é impossível nem disparatada, mas a mais fácil, a mais arguta e a mais rápida que pode caber no pensamento de algum arbitrista.

— Já está a demorar a dizê-la vossa mercê, senhor D. Quixote — disse o cura.

— Não quereria — disse D. Quixote — dizê-la aqui já agora, para que não amanhecesse amanhã nos ouvidos dos senhores conselheiros, e outro recebesse os agradecimentos e o prémio do meu trabalho.

— Por mim — disse o barbeiro —, dou a minha palavra, aqui e diante de Deus, de não dizer o que vossa mercê disser a rei nem roque, nem a qualquer homem terrenal, juramento que aprendi do romance³ do cura que no prefácio da missa denunciou ao rei o ladrão que lhe tinha roubado as cem dobras⁴ e a sua mula andarilha.

— Não sei histórias — disse D. Quixote —; mas sei que é bom esse juramento, pois o senhor barbeiro é um homem de bem.

— Ainda que não o fosse — disse o cura —, eu respondo por ele e fico por seu fiador, que neste caso não falará mais que um mudo, sob pena de pagar o que mandar a sentença.

— E de vossa mercê, — quem fica por fiador, senhor cura? — disse D. Quixote.

— A minha profissão — respondeu o cura —, que tem de guardar segredo.

— Pois juro por tudo o que há! — disse nesta altura D. Quixote. — Que outra coisa não há a fazer senão Sua Ma-

jestade mandar apregoar publicamente para que se juntem na corte num dia marcado todos os cavaleiros andantes que andem por Espanha, que, embora não viessem mais que meia dúzia, um poderia vir entre eles que só por si chegasse para destruir todo o poder do Turco. Estejam vossas mercês atentos e acompanhem-me no meu raciocínio. Porventura é coisa nova um único cavaleiro andante desbaratar um exército de duzentos mil homens, como se todos juntos tivessem uma só garganta, ou fossem feitos de alfenim? Se não, digam-me: quantas histórias estão cheias destas maravilhas? Havia, em hora má para mim, que não quero dizer para outro, de viver hoje o famoso D. Belianis, ou algum dos da inúmera descendência de Amadis de Gaula; que se algum destes hoje vivesse e com o Turco se defrontasse, juro que este passaria um mau bocado. Mas Deus olhará pelo seu povo e conceder-lhe-á alguém que, se não for tão heróico como os cavaleiros andantes dos tempos passados, pelo menos não lhes será inferior na coragem; e Deus sabe a quem me refiro e não digo mais nada.

— Ai! — disse neste momento a sobrinha. — Que me matem se o meu senhor não quer voltar a ser cavaleiro andante!

Ao que disse D. Quixote:

— Cavaleiro andante hei-de morrer, e venha e vá o Turco quando quiser e com todo o seu poder, que outra vez digo que Deus sabe a quem me refiro.

Nesta altura disse o barbeiro:

— Suplico a vossas mercês que me seja dada licença para contar um conto muito curto que sucedeu em Sevilha, que, por vir agora mesmo a propósito, me apetece contá-lo.

D. Quixote deu a licença e o cura e os restantes prestaram-lhe atenção e ele começou desta maneira:

— No manicómio de Sevilha estava um homem a quem os seus parentes tinham posto ali por ser falto de juízo. Era graduado em Direito Canónico por Osuna⁵, mas, mesmo que o fosse por Salamanca, segundo a opinião de muitos, não deixaria de ser louco. Este tal canonista, após alguns anos de internamento, supôs que estava curado e no seu perfeito juízo e, acreditando nisto, escreveu ao arcebispo suplicando-lhe encarecidamente e com palavras acertadas que o mandasse tirar daquela miséria em que vivia, pois pela misericórdia de Deus

tinha recuperado o juízo perdido; mas os seus parentes, para gozar de parte dos seus bens, tinham-no ali e, apesar da verdade, queriam que ele fosse louco até à morte. O arcebispo, persuadido por muitas breves cartas coerentes e sensatas, mandou um seu capelão informar-se com o director do hospício se era verdade o que aquele canonista lhe escrevia, e que também falasse com o louco, e que, se lhe parecesse que ele tinha juízo, o tirasse de lá e pusesse em liberdade. Assim fez o capelão e o director disse-lhe que aquele homem ainda estava louco: que, embora falasse muitas vezes como pessoa de grande inteligência, acabava por soltar tantas parvoíces, que por serem muitas e grandes, igualavam os seus primeiros ditos sensatos, como se podia comprovar falando com ele. Quis fazê-lo o capelão, e, encontrando-se com o louco, falou com ele uma hora e mais, e em todo aquele tempo nunca o louco disse uma palavra sem sentido ou disparatada; pelo contrário, falou tão acertadamente que o capelão foi forçado a acreditar que o louco tinha recuperado o juízo; e entre outras coisas que o louco lhe disse foi que o director o tomara de ponta, para não perder os presentes que os seus parentes lhe davam para dizer que ele ainda estava louco, embora com períodos de lucidez; e que o maior inconveniente que na sua desgraça ele tinha era a sua grande fortuna, pois, para gozarem dela, os seus inimigos cometiam dolo e duvidavam da mercê que Nosso Senhor lhe fizera ao transformá-lo de animal em homem. Finalmente, ele falou de maneira que tornou suspeito o director, ambiciosos e desalmados os seus parentes, e ele tão sensato que o capelão resolveu levá-lo consigo para que o arcebispo o visse e tocasse com a própria mão na verdade daquele caso. Com este bom propósito, o bom capelão pediu ao director que mandasse dar as roupas com que ali entrara o canonista; voltou a dizer-lhe o director que visse bem o que fazia, porque, sem dúvida alguma, o canonista ainda estava louco. Não serviram de nada as prevenções e avisos do director do hospício ao capelão para que desistisse do seu intento; obedeceu o director ao ver que era ordem do arcebispo, vestiram o canonista com as suas roupas, que eram novas e decentes, e como ele se viu vestido de ajuizado e despido de louco, suplicou ao capelão que por caridade lhe desse licença para ir despedir-se dos seus companheiros, os loucos. O ca-